Revista de Ciências Humanas e Sociais | ISSN: 2447-0244
v. 6, n. 2, jan-jun. 2020.
Missões

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA NARRATIVA DA GRIPE ESPANHOLA À COVID-19

EDUCATION IN PANDEMIC TIMES: A SPANISH FLU NARRATIVE TO COVID-19

Recebido em 30/07/2020
Aceito em 18/08/2020

Rita de Cássia Grecco dos Santos[1]
Francisco Furtado Gomes Riet Vargas[2]
Gabriela Caceres Riet Vargas[3]

Resumo: Este texto tem como origem o debate de três professores que atuam em diferentes etapas da educação formal, da Educação Infantil à Pós-Graduação, bem como em distintas esferas da educação pública (municipal, estadual e federal). Nossa discussão surge a partir da problematização do momento em que vivemos a partir de março de 2020, com a suspensão das aulas por todas as esferas, em função do impreterível distanciamento social suscitado pela Pandemia da Covid-19. Deste modo, a partir de uma revisão bibliográfica, objetivamos apresentar uma narrativa acerca dos processos educativos em tempos de epidemia e pandemia. Afinal, ao longo da história, vírus e bactérias dizimaram vidas, produziram sofrimento e deixaram rastros do caos. Doenças como peste bubônica, varíola, sarampo, tifo, cólera, diferentes gripes e tantas outras vitimaram e acabaram por produzir a necessidade de encontrar soluções, descobertas e avanços que resultaram em muitos dos conhecimentos científicos que temos até nossos dias, sendo nosso interesse principal os processos educativos. Hoje, em meio à pandemia causada pelo Sars-CoV-2, constatamos que a pandemia em 2020 é o marco que põe fim ao século XX e inaugura o século XXI em definitivo na História, além é claro de ter acelerado a História, focadamente, a História da Educação.

Palavras-chave: Covid-19; Narrativas; Formação de Professores; História da Educação.

Abstract: This text originates from the debate of three teachers who work in different stages of formal education, from Early Childhood Education to Graduate Studies, as well as in different spheres of public education (municipal, state and federal). Our discussion arises from the problematization of the moment in which we live from March 2020, with the suspension of classes by all spheres, due to the imperative social distance caused by the Pandemic of Covid-19. Thus, from a bibliographic review, we aim to present a narrative about the educational processes in times of epidemic and pandemic. After all, throughout history, viruses and bacteria have decimated lives, produced suffering and left traces of chaos. Diseases such as bubonic plague, smallpox, measles, typhus, cholera, different flu and so many others victimized and ended up producing the need to find solutions, discoveries and advances that resulted in much of the scientific knowledge we have until today, our main interest being educational processes. Today, in the midst of the pandemic caused by Sars-CoV-2, we find that the pandemic in 2020

[1] Doutora em Educação. Professora do Instituto de Educação – IE e do Programa de Pós-Graduação em História – PPGH/ICHI da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande/RS. E-mail: ritagrecco@yahoo.com.br
[2] Mestre em Educação. Professor da Educação Básica da Rede Municipal do Rio Grande e da Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Sul. E-mail: chicaov@yahoo.com.br
[3] Pedagoga. Professora da Educação Básica da Rede Municipal do Rio Grande. E-mail: gabrielacunhacaceres@yahoo.com.br

is the milestone that puts an end to the 20th century and inaugurates the 21st century definitively in history, in addition to having accelerated history, the History of Education.

Keywords: Covid-19; Narratives; Teacher training; History of Education.

INTRODUÇÃO

Conforme Paul Ricoeur: "É preciso reabrir o passado, reavivar nele potencialidades irrealizadas, impedidas, massacradas até" (2010, p. 368). Para tanto iremos refletir este assunto, pela perspectiva da História da Educação.

Em nosso passado recente encontramos situações similares ao processo que estamos vivendo neste momento, ou seja, circunstâncias onde para contornar uma moléstia que se alastra, seja em caráter regional, nacional ou mesmo mundial, tivemos que optar pelo distanciamento social. Tais situações não atingem apenas a sociedade em geral, mas são absorvidas também na educação, acreditamos que de forma contundente.

Destacamos entre estas moléstias a Pandemia de Gripe Espanhola (1918) e a Epidemia de Meningite (1974) e, atualmente, a SARS-CoV-2[4] ou Covid-19. Nosso recorte geográfico indica três cidades do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, mas não nos limitaremos somente a elas. Objetivamos observar os impactos que o distanciamento social, articulado para evitar o alastramento destas doenças, teve na educação e como os agentes educacionais, públicos ou privados, irão contornar tal situação, tentando reavivar possíveis alternativas ou descartar equívocos já cometidos no passado.

Para tanto iremos apelar para uma breve revisão bibliográfica do material escrito sobre estes momentos, nestas localidades, e os materiais escritos sobre educação e neste momento de moléstia. Ainda usaremos as fontes por nós já arroladas, destacando-se os Relatórios da Intendência Municipal do Rio Grande, bem como estudos de fontes históricas disponíveis *online*.

CONTEXTO, HISTORIOGRAFIA, MOLÉSTIAS E EDUCAÇÃO

> No ano do Senhor, 1348, aconteceu sobre quase toda a superfície do globo uma tal mortandade que raramente se tinha conhecido semelhante. Os vivos, de fato, quase não conseguiam enterrar os mortos, ou os evitavam com horror. Um terror tão grande tinha se apoderado de quase todo o mundo, de tal maneira que no momento que aparecia em alguém uma úlcera ou um inchaço, geralmente embaixo da virilha

[4] SARS-CoV-2 é o nome oficial dado ao novo coronavírus, que significa "*severe acute respiratory syndrome coronavirus* 2" (síndrome respiratória aguda grave de coronavírus 2). Ele recebeu essa nomenclatura por possuir grande semelhança com o vírus SARS-CoV, agente causador da epidemia de SARS, em 2002.

> ou da axila, a vítima ficava privada de toda assistência, e mesmo abandonada por seus parentes. [...] Aqueles que estavam sãos fugiram apavorados de medo. E assim, muitos morreram por descuido, os quais talvez teriam escapado de outro modo. Muitos ainda, que pegaram esta doença e dos quais se acreditava que morreriam com certeza imediatamente sobre o chão, foram transportados, sem a mínima discriminação até a fossa de inumação. [...] E esta peste se prolongou além do ano anteriormente dito, durante dois anos seguidos, espalhando-se pelas regiões onde, primeiramente, não tinha acontecido (SÁNCHEZ, 2000).

O principal assunto do excerto, escrito em 1348, refere-se à Peste Negra, também conhecida como Grande Peste, Peste ou Praga, que se constituiu na pandemia mais devastadora registada na história humana, tendo resultado na morte de milhões de pessoas na Eurásia. Ainda que a peste tenha sua origem no continente asiático, precisamente na China, sua chegada à Europa está relacionada às caravanas de comércio que vinham da Ásia através do Mar Mediterrâneo e aportavam nas cidades costeiras europeias. Contribuíam com a propagação da doença as precárias condições de higiene e habitação que as cidades e vilas medievais possuíam.

Outro fenômeno da época em que se desencadeou a peste foi a atribuição da causa da moléstia aos povos estrangeiros, notadamente aos judeus, pois por não serem da Europa e por, desde a Idade Antiga, viverem em constante migração, passando por várias regiões do mundo até se instalarem nos domínios do continente europeu, acabaram por se tornarem o "bode expiatório" das multidões enfurecidas; milhares de judeus foram mortos durante a eclosão da peste.

A peste foi um vetor de transformações na Europa e, após essa pandemia, uma série de mudanças começaram a acontecer nas áreas social, política e econômica em todo o continente, sendo sem dúvida a maior consequência seu impacto socioeconômico mundial, causado pela grande mortandade, sobretudo, na Europa e na Ásia, considerando que as estatísticas tradicionais falavam que 1/3 da população europeia faleceu com a peste, mas alguns estudos recentes têm apontado que a doença causou um impacto muito mais profundo na Europa do século XIV, eles têm afirmado que de metade a 2/3 da população europeia faleceu.

Com este declínio populacional, os salários aumentaram em resposta à escassez de mão-de-obra e os proprietários de terras também foram pressionados a substituir as rendas por serviços de trabalho, num esforço para manter os inquilinos; além e de arrefecer o clima, libertando terras e desencadeando reflorestamentos, que pode ter levado à Pequena Idade do Gelo.

Imagem 01: The Triumph of Death by Pieter Bruegel the Elder (*O triunfo da morte* por Pieter Bruegel).



Fonte: Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:The_Triumph_of_Death_by_Pieter_Bruegel_the_Elder.jpg Acesso em 13jun./2020.

A cultura medieval foi profundamente afetada pela atmosfera catastrófica provocada, várias pinturas da época expunham imagens da chamada "dança macabra" ou a "dança da morte", em que pessoas de várias ordens sociais eram representadas juntas, dançando com esqueletos que simbolizavam o potencial destrutivo da morte. Na literatura também figuraram vários relatos da peste e do impacto, além de um renovado fervor religioso e o fanatismo, provocando que vários grupos, como estrangeiros, mendigos, muçulmanos, leprosos e ciganos, fossem alvos de perseguições e igualmente considerados culpados pela disseminação da doença.

Ela piorou a Guerra dos Cem Anos, fazendo com que o povo francês sofresse com a fome e fosse explorado ainda mais, eclodindo as revoltas camponesas; foi nessa guerra, inclusive, que Joana D'Arc surgiu; mais tarde ela viraria o símbolo da vitória francesa. Ao fim da Guerra dos Cem anos, a dinastia Valois assumiu e a França se tornou um Estado unificado.

Assim, constatamos que existem vários estudos de grandes moléstias que atingem a humanidade, sendo que destacamos a "Peste Negra", entretanto, não encontramos nenhum estudo referente ao impacto da "Peste Negra" focadamente na educação. Lidamos aqui com

uma educação um tanto diferente da atual, as do clero e dos nobres, dentro de uma visão mais formal, já a do terceiro estado ligado aos mestres de ofício e com caráter meramente profissionalizante. Ressaltamos que mesmo um dos grandes manuais de História da Educação, de Manacorda (1992, p. 168-192), omite tal epidemia.

Outros momentos pestilentos também ocorreram, com a tuberculose e a varíola. Ainda como destaca Olinto: "As grandes pandemias de gripe são relativamente frequentes e estima-se que aproximadamente a cada década haja uma pandemia de alguma proporção. Entre as pandemias de gripe conhecidas a mais severa foi a de 1918" (1995, p. 13). E aqui está um dos nossos focos, que irá atormentar vários locais do mundo, incluindo as cidades do Rio Grande do Sul.

CONTEXTO E HISTORIOGRAFIA: GRIPE ESPANHOLA E A EDUCAÇÃO

Aqui falamos de um outro momento diferente da História, onde a modernidade e sua cientificidade já imperam. A ciência e a medicina já tinham edificado uma áurea de verdades (OLINTO, 1995, p. 23), muito solidificados no Rio Grande do Sul, sob a égide do Positivismo. Uma sociedade já dispunha de luz elétrica, trem, barcos a vapor, automóveis… mesmo que restrito a uma parcela mais abastada da sociedade. Uma ciência que irá intervir na urbanização, saneamento e na higienização, como respostas para males da sociedade (*op. cit.*, p. 23-25).

O ano de 1918, quando da pandemia da Gripe Espanhola, o mundo se encontrava no final da Primeira Grande Guerra. O Brasil tinha aderido ao lado da Tríplice Entente e, os focos na imprensa eram a referida Guerra. Em matérias menores apareceriam breves notícias sobre a Gripe Espanhola, que ficou assim conhecida pelo fato de a Espanha não possuir censura sobre o assunto, pois não estava envolvida na guerra, sendo deste país as primeiras divulgações sobre a referida gripe (BERTUCCI-MARTINS, 2003, p. 115). Além disso o fato de se tratar de uma gripe, doença comum, não chamava a atenção da população (*op. cit.*, 2003, p. 104).

Sendo assim, até a contaminação da Missão Médica Brasileira que iria se integrar aos esforços da Primeira Guerra contra a Tríplice Aliança (oponente à Tríplice Entente na Guerra), as notícias sobre Gripe Espanhola ficavam em espaços menos privilegiados nos jornais, tomando vulto apenas a partir do final de setembro de 1918 (BERTUCCI-MARTINS, 2003, p. 106; A Federação, 23/9/1918, p. 6).

Aos poucos notamos as referidas notícias ampliando de tamanho e citando vítimas, entre a Missão Médica, advindas do Rio Grande do Sul. O médico Sylla Teixeira da Silva,

proveniente de Alegrete, que estava na missão, foi uma das primeiras vítimas entre nacionais (A Federação, *op cit.*, p. 3).

Imagem 02 - Gripe Espanhola: Menosprezada em 1918, epidemia parou o Rio e matou presidente



Multidão de pobres aguardando socorros

Fonte: Disponível em https://oglobo.globo.com/cultura/gripe-espanhola-menosprezada-em-1918-epidemia-parou-rio-matou-presidente-24337334 Acesso em 13 maio/2020.

Porém, antes disso, o navio Demerara, havia aportado no Brasil, advindo de Dacar (local de contaminação da Missão Brasileira), e trouxe consigo a referida moléstia. Na Bahia e Pernambuco já haviam notícias de contaminação (BERTUCCI-MARTINS, *ibid.*, p. 107). O Rio de Janeiro, então capital federal, será assolado pelos primeiros casos na segunda semana de setembro "e em outubro havia adquirido enormes proporções" (OLINTO, *ibid.*, p. 43).

Imagem 03: Uma das Enfermarias do Hospital da Escola Benjamim Constant, Rio de Janeiro



Fonte: Disponível em https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/04/as-licoes-aprendidas-u2013-e-os-erros-que-voltamos-a-cometer-u2013-d.html Acesso em 15 maio/2020.

Neste momento, na cidade do Rio Grande, que era grande centro comercial e industrial, possuindo o único porto marítimo do Estado do Rio Grande do Sul e um dos mais importantes do Brasil a época, a situação da divulgação era diversa. Como polo regional, Rio Grande foi uma cidade bastante agitada, possuindo acesso à cultura e uma gama de escolas, de primário ao ginasial, sejam particulares ou públicas (VARGAS, 2013).

Nesta cidade, já existiam jornais anunciando amplamente a gripe que assolava as capitais brasileiras. Mesmo assim, Dr. Augusto Duprat, renomado médico que ocupava o cargo de Inspetor de Saúde dos Portos, permitiu o desembarque em Rio Grande, dos tripulantes e passageiros do paquete Itajubá, em 09 de outubro de 1918 (TORRES, 2009, p. 93), julgando que os enfermos seriam portadores de uma "influenza benigna", devido a este erro o médico, foi frequentemente acusado pela imprensa local.

Ainda de acordo com Olinto, "[...] vários outros navios, trazendo pessoas contaminadas com a influenza, chegaram ao Rio Grande" (*ibid.*, p. 43-44), desta forma a influenza se espalhou pela cidade do Rio Grande.

Já em Pelotas, também outra das principais cidades rio-grandenses naquele momento, a epidemia começou posteriormente, sendo apontados os primeiros casos apenas para o dia 17 de outubro do mesmo ano. Porém, antes do vírus chegar a cidade, já havia chegado aos jornais, assim como na cidade vizinha do Rio Grande. Os principais jornais da cidade apontavam não haver necessidade de alarde, entretanto, com a chegada do vírus, esta postura mudou.

Enquanto um dos jornais, ligados ao governo, continuava com a postura de amenizar a epidemia; o outro, optava por uma postura mais "[...] sensacionalista, mostrando uma visão

mais detalhada e, digamos, 'assustadora' do contágio" (FERREIRA, 1997, p. 140). A imprensa, em Pelotas, passou a ser censurada em 4 de novembro (1997, p. 140), o que ocorreu em Porto Alegre (CORRÊA; PANIAGUA, 2020, p. 2). Tal fato não é relatado por Olinto (*ibid.*) em Rio Grande, mesmo com a imprensa sendo hostil a figuras públicas do governo.

Ainda assim, encontramos algumas questões comuns entre as cidades: primeiro, o abuso de medicamentos sem controle da dosagem, destacando os envenenamentos por quinino, e surgimento de fórmulas milagrosas contra a moléstia (FERREIRA, 1997, p. 143; OLINTO, *ibid.*, p. 52;55); a elevação de preços de algumas mercadorias (FERREIRA, *ibid.*, p. 143; OLINTO, *ibid.*, p. 55), frente a isso as autoridades criaram tabelas para controlar os preços em Rio Grande e Porto Alegre (CORRÊA; PANIAGUA, *ibid.*, p. 2; OLINTO, *ibid.*, p. 56); por fim, um movimento de solidariedade surgiu nas três cidades, com doações e assistência às camadas mais pobres (FERREIRA, *ibid.*, p.142-143; CORRÊA; PANIAGUA, *ibid.*, p. 2; OLINTO, *ibid.*, p. 68-69).

Contudo, os textos consultados não aprofundam em nenhum momento o assunto da educação, limitando-se estes textos, a não muito mais que colocar que as escolas tiveram suas portas fechadas durante a epidemia (CORRÊA; PANIAGUA, *ibid.*, p. 4; OLINTO, *ibid.*, p. 54; TORRES, 2009, p. 96). Encontramos um pouco mais de dados sobre a educação na Gripe Espanhola no texto de Martins (2003), onde a mesma manifesta que o olhar em São Paulo era que a educação poderia ajudar a evitar a disseminação da moléstia entre as camadas populares e, com isso, sendo disseminado entre a imprensa local os "Conselhos ao Povo".

GRIPE ESPANHOLA E EDUCAÇÃO

Tendo em vista que a historiografia nos ajuda a ambientar, entretanto, não responde nossas questões, indagamos: Como as escolas são afetadas pela epidemia da Gripe Espanhola?

Para tanto vamos buscar nas fontes, ao observarmos quais as movimentações das aulas e escolas durante o referido período. Em Rio Grande, observamos os Relatórios da Intendência Municipal, mais especificamente o de 1919, que se refere ao período entre julho de 1918 e junho de 1919. Apesar do referido relatório ser bastante revelador, obsequiando com informações sobre a Gripe Espanhola nesta cidade, sinalizando números de mortos, que seriam de 366 de acordo com o mesmo, encontramos uma pequena discrepância com o Registro de Sepultamento do Cemitério Católico, da Santa Casa de Misericórdia, que aponta 397 falecidos em decorrência da referida gripe (*apud* OLINTO, *ibid.*, p.15). Ainda teríamos o número de 347

pessoas de acordo com o Registro do Cartório da Segunda Zona da Comarca do Rio Grande (*apud* OLINTO, 1995, p.49). Ainda, de acordo com Olinto,

> [...] segundo a Delegacia de Higiene 424 oficialmente, o que somaria mais umas 120 pessoas, além das que morreram pelas complicações ocasionadas pela doença, torna-se difícil estipular quantas vidas foram solapadas pela a influenza na cidade do Rio Grande. Para uma visualização mais clara pode-se comparar os números oficiais do cartório e do cemitério católico (*ibid.*, p.48).

Cabe enfatizar que, nossa discussão aqui não são propriamente as mortes ceifadas pela Gripe Espanhola, mas, é importante ter claro este contexto de medo e morte que assolou a população das cidades por onde esteve presente e se alastrou.

Imagem: O uso de máscaras foi comum em alguns locais dos Estados Unidos como forma de diminuir o contágio da gripe espanhola.



Fonte: Disponível em https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/gripe-espanhola.htm Acesso em 14 maio/2020.

Quando falamos em educação, diferente de outros relatórios, este que se refere ao período da Gripe Espanhola é bastante tímido, não constando muitas informações sobre número de estudantes, aparecem apenas os números do Ginásio Municipal Lemos Junior e da escola da Sociedade União Operária.

No entanto, nesses relatórios podemos notar a queda na quantidade de educandos no referido ginásio, que no relatório referente a julho de 1917 até junho de 1918 aponta 130 estudantes (RIO GRANDE, 1918, p. 19), no seu seguinte aponta 98 (1919, p. 31). Isso nos remete ao " silêncio" apontado tanto por Ferreira (1997) como por Olinto (*ibid.*), como se a menção no ocorrido abrisse feridas e tivesse o poder de fazer o ocorrido retornar.

A EPIDEMIA SECRETA: A MENINGITE NA DÉCADA DE 70

Durante o período da Ditadura Civil-Militar, o Brasil sofreu as consequências da negligência do governo na saúde como forma de impedir que o regime caísse em descrédito; é o caso da negação em relação à epidemia de Meningite. Cabe destacar que, desde o aparecimento da Meningite, em 1971, as autoridades foram informadas que havia uma epidemia da enfermidade, mostradas pelos médicos da época através de levantamentos. Porém, os governantes negaram a sua existência, pois o Brasil vivia a época do "milagre econômico", e a epidemia poderia ofuscar o brilho que o Brasil estava tendo nessa época; assim, médicos e a imprensa eram proibidos de falar nesse assunto.

Afinal, a doença pode ser entendida como um fenômeno social e também é uma construção. Ela possibilita o conhecimento sobre estruturas, mudanças dinâmicas demográficas e deslocamento populacional, processo de construção de identidade de uma nação, de campo de saber e disciplinas. De acordo com Nascimento:

> Concorrem para a existência da doença diversos elementos científicos, sociais e políticos, temporal e espacialmente estudados. Dito de outro modo, diferentes grupos, a cada época, dão significação e sentido específicos à entidade fisiopatológica chamada doença. A história de doenças pode revelar uma enorme gama de questões (2005, p. 29).

Destarte, despreparado para enfrentar o crescente número de casos e face à incapacidade de importar, em curto prazo, a quantidade de doses de vacinas necessárias, o regime militar censurou qualquer menção à doença nos meios de comunicação. Não havia ainda uma preocupação com a medicina preventiva, em informar à população a causa da meningite, o que é a doença, como é transmitida e como evitá-la.

Assim, sem nenhum conhecimento da doença, seus sintomas e como evitá-la, ela foi se espalhando. Enquanto a moléstia se restringia às áreas mais carentes, a proibição funcionou, mas quando os óbitos começaram a ocorrer nos bairros nobres do Rio de Janeiro e de São Paulo, a notícia vazou e a pressão da opinião pública se fez sentir.

Alguns jornais, de maior circulação nacional, estavam preocupados em informações estruturais sobre a doença, como a identificação dos hospitais que estavam mais lotados, os índices de mortes, como fariam para a vacina chegar ao Brasil e qual a quantidade que seria distribuída para a população. Os exemplos abaixo sintetizam essa abordagem, sobretudo, no jornal O Globo:

> [...] por falta de aparelhagem adequada e pessoal especializado, alguns laboratórios chegam a inventar resultados (O Globo - 05/11/74).
> e
> Ontem a Secretaria de Saúde forneceu os totais do mês de outubro. Estes números, colhidos pela Central de Informação de Meningite, difere muito dos computados pelos boletins diários, entregues à imprensa (O Globo - 09/11/74).

Sabemos que a forma de governo de uma sociedade reflete diretamente na forma como a população tem acesso às informações de interesse público, sobretudo, no tocante à saúde pública. No entanto, há certos regimes onde o acesso à informação é restrito e a liberdade de expressão cerceada pelo aparato do governo.

Imagem 04 - Manchete do Diário Serrano, de Cruz Alta.


Serrano

Ano LVIII — IJUI-RS — Terça-feira, 8 de outubro de 1974 — Número 119

Mais um caso de meningite em Ijuí

Mais um caso de meningite registrou-se na Colmeia do Trabalho. Apesar disso o chefe do Posto de Saúde, dr. Gilberto Pereira Gomes diz que não há motivo para alarma, pois não há surto em nosso município. O normal que acontece durante um ano é que se registra seis casos. Em nossa cidade, no entanto, até agora aconteceram quatro casos.

Um menino de 9 anos é que está com meningite e encontra-se hospitalizado. Dentro dos próximos dias deverá dar alta, tendo em vista que vem reagindo muito bem.

Um segundo caso que foi registrado é de um menino de 6 anos de idade. No entanto ele não é de Ijuí. Veio de outro município. Também está reagindo bem e deverá dar alta dentro dos próximos dias.

A população continua sendo alertada pelas autoridades médicas para os casos de meningite. Quando alguém sentir fortes dores de cabeça ou vômitos seguidos deve procurar imediatamente um médico.

A medicação deve ser feita apenas por médicos e não por leigos. Nesta época do ano é normal que fatos desta natureza aconteçam, não havendo motivo para alarma.

A primavera também está chegando e com ela poderá vir a desidratação. As autoridades médicas chamam a atenção da população para servir água fervida. O melhor é prevenir e, por isso mesmo, está sendo feito o alerta.

E'merson é bi mundial

Feira de Ciências no CEAP

O CEAP, realizará quinta-feira próxima a sua Feira de Ciências. Alunos do 1º e 2º grau, orientados pelos pro-

dos últimos meses. Os trabalhos serão julgados pelas comissões, para este fim constituídas, na noite de a-

Além da Feira de Ciências haverá neste dia promoções de ordem cultural e esportiva, obedecendo o seguinte

Fonte: Disponível em https://www.google.com/search?q=meningite+a+no+brasil&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwidj829udfpAhWdLLkGHZysDI8Q_AUoAnoECAsQBA&biw=1440&bih=789#imgrc=rjD1PV-UUtFXSM&imgdii=TYCbRpBz78GodM Acesso em 20 maio/2020.

A partir de 1974, a situação estava tão crítica, que era impossível fingir que não estava acontecendo. Deste modo, encurralado pelo contexto do avanço da epidemia, o governo foi

forçado a criar a Comissão Nacional de Controle da Meningite – para a vigilância e aconselhamento de como prosseguir – e investir em tecnologia na área de saúde, firmando, então, acordo com o Instituto Mérieux – que construiu uma nova fábrica apenas para atender à demanda brasileira – para a transferência da tecnologia de produção do imunizante.

O governo suspendeu as aulas e mandou os estudantes de volta para casa. Quando era registrado algum caso nas dependências das escolas, as autoridades sanitárias passavam formol nas mesas e carteiras. Em algumas cidades, as escolas públicas foram transformadas em hospitais de campanha para atender os doentes.

Em 1976, foi criado, na Fiocruz, o Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos – Bio-Manguinhos – e implantado um centro de produção de vacinas contra a meningite meningocócica A e C. A vacina contra meningite meningocócica foi a primeira em polissacarídeos. Esta tecnologia produz menos efeitos colaterais, porque utiliza apenas pedaços do micro-organismo, ao invés da bactéria inteira. Seu domínio possibilitou ao país a capacitação em modernos métodos de fermentação e purificação, aplicáveis a outros imunizantes bacterianos.

Em outras palavras, se a ditadura não tivesse acobertado a crise, ela não teria sido difícil de controlar a partir de 1974. Em 1976, o número de contágios já era seis vezes maior ao ano anterior, e uma operação gigante de vacinação se tornou necessária. Em apenas quatro dias, agentes vacinaram mais de 10 milhões de pessoas. No entanto, o esforço em impedir a disseminação do surto continuava: não existia uma comprovação da vacinação ou o registro das ações do Ministério. Além disso, os dados foram originados através de pesquisas posteriores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, por amostra domiciliar.

Estima-se que 93% da cidade tenham sido atingidas pela campanha, o que possibilitou, dado o atraso nas ações do governo, que os casos começassem a diminuir apenas em 1977 (ano em que a incidência do Tipo A ainda era maior que a calculada), possibilitando o retorno da rotina de normalidade.

Sars-CoV-2, COVID 19 – A PANDEMIA QUE IMPACTOU O PLANETA

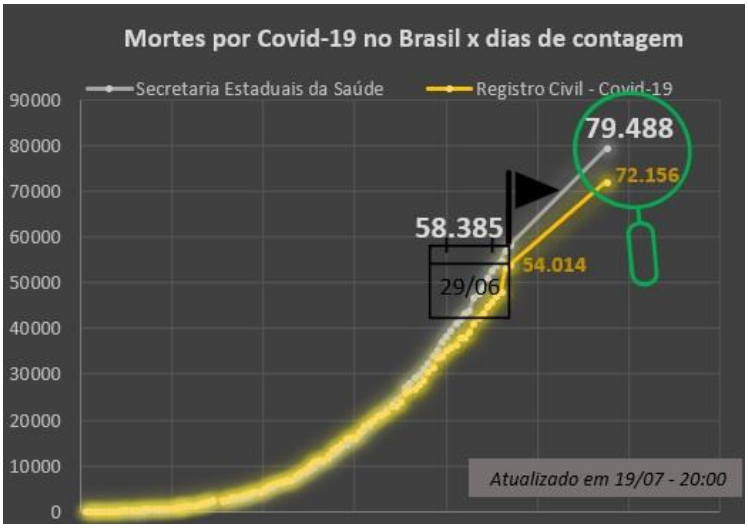
A partir de março de 2020 o mundo conheceu novamente o terror de uma peste, a Sars-CoV-2, ou a popularmente conhecida Covid 19. Um vírus que veio de modo devagar e, neste momento, de forma avassaladora tem promovido danos a praticamente toda nossa organização societária, forjando a necessidade do distanciamento social e a articulação de sérias políticas públicas de enfrentamento a sua propagação.

No Brasil, assim como durante o período ditatorial, o avanço da pandemia vem sendo escamoteado, acompanhado de um cerceamento à divulgação correta dos dados de infectados e das vítimas fatais, estimulando uma verdadeira avalanche de *fake News*, bem como de protestos como podemos apreciar na seguinte charge:



Fonte: Disponível em https://br.images.search.yahoo.com/search/images?p=charge+covid+19&fr=mcafee&imgurl=https%3A%2F%2Fblogdoaftm.com.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2020%2F04%2F2494.jpg#id=16&iurl=https%3A%2F%2Fmidias.agazeta.com.br%2F2020%2F03%2F26%2Fconfira-a-charge-do-amarildo-de-28032020-216522.jpg&action=click Acesso em 28 jul./2020.

Infelizmente, até este mês de julho de 2020, temos acompanhado o crescimento vertiginoso da curva de óbitos, como podemos acompanhar no seguinte gráfico, elaborado a partir dos dados emanados pelo Consórcio de Imprensa, posto que, o Ministério da Saúde tem omitido os dados, não disponibilizando os boletins de notificação.



Fonte: Elaborado pelo Prof. Dr. Valmir Heckler, do IMEF/FURG.

A situação da educação brasileira é fruto de políticas de sucessivos governos, os quais mantiveram, em maior ou menor medida, a educação como uma pauta secundária na construção nacional. Exemplo disso é a média do Produto Interno Bruto – PIB dedicado à educação, que, historicamente, não chega a 6%, apesar de repetidos esforços da área da educação e de outros setores sociais para que estes valores fossem ampliados.

Porém, o período recente exacerbou a condição da educação no país. Por exemplo, diversos entes nacionais não pagam o piso do magistério (Lei Nº 11.738, de 16 de julho de 2008) e vêm parcelando o salário de professores (no RS são 56 meses de salários parcelados para os professores do Estado), o que, inegavelmente, precariza as condições de vida do professorado e, por consequência, da educação. Também, junto com outras áreas chamadas "sociais", a educação teve os investimentos da esfera federal congelados por 20 anos pela assim conhecida PEC da morte (Emenda Constitucional - EC 95).

Em termos de projeto, o atual governo federal vem manifestando descaso e desconhecimento com a área da educação, como pode ser avaliado a partir do Projeto de Lei que altera o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA para regulamentar a educação domiciliar (PL nº 2401/2019), da criação da Subsecretaria de Fomento às Escolas Cívico-Militares (Decreto Federal no 9.665 de 2 de janeiro de 2019) ou do lançamento do Programa Nacional de Escolas Cívico-Militares (PECIM, Decreto no 10.004 de 5 de setembro de 2019).

Estas iniciativas contrariam a produção acadêmica e a literatura científica da área e representam um retrocesso para a educação brasileira. Também é sinal de descaso do governo federal com a educação o fato de que o presidente tenha indicado ao cargo de Ministro da Educação nomes como Ricardo Vélez Rodríguez, que ficou quatro meses no cargo sem

protagonizar uma ação sequer; ou Abraham Weintraub, que reiteradas vezes atentou contra educadores, os comparando a animais ("zebra gorda"), e que aterrorizou as universidades federais cortando e contingenciando recursos, e como Carlos Decotelli, que talvez resuma o descaso do governo para com a educação, logo que em cinco dias nas luzes dos holofotes por ter sido nomeado Ministro da Educação, teve sua formação acadêmica desmentida publicamente e sua experiência profissional negada por um pretenso empregador.

No caso das universidades federais, o governo federal, além de restringir recursos, tem atacado a democracia e a autonomia destas instituições, como por exemplo, através do Decreto nº 9.794 de 14 de maio de 2019, que retirou a autonomia do(a)s reitore(a)s para designar vice-reitore(a)s, pró-reitore(a)s e outros cargos. Este decreto expirou, provavelmente por decorrência da confusão que tem caracterizado a administração do Ministério da Educação, mas sua importância não pode ser diminuída, logo que identifica a postura do governo frente ao princípio da autonomia universitária, o qual foi conquistado a muito custo e é muito caro à universidade brasileira.

Exemplo prático do desapego do governo federal para com a democracia e a autonomia da universidade é que em metade dos casos onde eleições aconteceram em universidades federais em 2019, foram escolhidos o(a)s segundo(a)s ou terceiro(a)s indicado(a)s nas listas tríplices (UFTM, UFC, UFES, UFRB, UFUJM, UFFS).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada escola, rede ou instituição encontrou soluções, alternativas e mediou estratégias com uso de ferramentas e recursos diferenciados. Nem sempre com sucesso, mas com alguns avanços e pequenas conquistas. Dúvidas, angústias e incertezas têm marcado os dias, os meses. A desigualdade social, gritante no país desde muito tempo, tem se agudizado. Nem todos têm tido assegurada a oportunidade de continuar aprendendo em meio à pandemia.

É tempo de reflexão e de planejamento, é tempo de antever que a educação escolar e os professores são investimentos importantes. Se a educação é um direito humano, é um bem público como há tanto tempo temos afirmado, o momento nos convida a pensar sobre as prioridades que temos enquanto sociedade.

O compromisso de educar o humano para uma formação integral, preparando-o para os complexos e os plurais desafios do tempo em que vivemos, da ciência e da tecnologia, requer investimento e oportunidades. Mobilizando a curiosidade, respeitando as diferenças como constitutivas do humano na dicotomia de sermos iguais em nossa humanidade e diferentes em

nossa individualidade, a educação passa pelos sentidos, pelas emoções, pelo cognitivo e pelo compromisso ético com a vida de todos em plenitude. Que sejamos capazes de nos educar e nos renovar enquanto sociedade com as dores deixadas pela pandemia.

REFERÊNCIAS

BERTUCCI-MARTINS, Liane. **"Conselhos ao povo":** educação contra a influenza de 1918. *Cadernos Cedes*, v. 23, n. 59, 2003, p. 103-118.

BRASIL, Estados Unidos do. **Decreto Nº 3.603, de 11 de Dezembro de 1918.** Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-3603-11-dezembro-1918-572586-publicacaooriginal-95783-pl.html Acesso em 31 maio/2020.

CORRÊA, Anderson; PANIAGUA, Edson. **A Pandemia de 1918:** a Gripe Espanhola em Alegrete. Disponível em: http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/cienciashumanas/files/2020/04/a-pandemia-de-1918-em-alegrete-anderson-correa-e-edson-paniagua.pdf. Acesso em 31/05/2020.

FERREIRA, Renata Brauner. A gripe espanhola em Pelotas. **História em Revista,** v. 3, nov/1997, p. 137-150.

MANACORDA, M. A. **História da Educação:** da Antiguidade aos nossos dias. 3ed. São Paulo: Cortez, 1992.

NASCIMENTO, Dilene. **As pestes do século XX:** tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

OLINTO, Beatriz Anselmo. **Uma cidade em tempo de epidemia:** Rio Grande e a gripe espanhola (RS-1918). Dissertação em História – UFSC. Florianópolis, 1995.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010c. v. 3.

TORRES, Luiz Henrique**. O vírus da gripe espanhola desembarca na cidade:** a visão do Echo do Sul. *Biblos*, v. 23, n. 1, 2009, p. 91-99.

VARGAS, Francisco Furtado Gomes Riet; DOS SANTOS, Rita de Cássia Grecco; TAMBARA, Elomar. A história da educação na cidade de Rio Grande/RS: um contexto da história da educação dos trabalhadores na primeira república. **Revista Didática Sistêmica,** v. 15, n. 2, p. 21-34, 2013.

VITAE PAPARUM AVENIONENSIUM CLEMENTIS VI. Primavita. Mollat. M. (Ed.). Paris, 1915-1922, p. 252. In: SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média:** textos e testemunhas. São Paulo: UNESP, 2000.